

CONCORDÂNCIA VERBAL À LUZ DA GRAMÁTICA LIMINAR

Lucas Alves Costa¹

RESUMO: Este trabalho discute a concordância verbal à luz da Gramática Liminar. Nesse modelo de gramática cognitiva as produções linguísticas são consideradas com o resultado da percepção do usuário da língua, fazendo com que cada função gramatical corresponda a um elemento do esquema *gestáltico*. Os dados utilizados são da modalidade escrita da língua portuguesa do Brasil, depreendidos de páginas públicas da rede social *Facebook*, em que os usuários produzem o gênero comentário. Levanta-se a hipótese de que a percepção conduz o “sujeito” da oração a estabelecer uma relação independente com o predicador. Observa-se isso nas construções gramaticais em que *não* há concordância verbal, algo extremamente repudiado pela gramática normativa da língua. Os resultados demonstram que a *perspectivação* reconfigura a gramática em seu uso.

PALAVRAS CHAVE: Concordância verbal. Gramática Liminar. Língua escrita.

ABSTRACT: This paper discusses verbal agreement in light of Liminar Grammar. In this model of cognitive grammar the linguistic productions are considered with the result of the user's perception of the language, making each grammatical function correspond to an element of the *gestaltic* scheme. The data used are written in the portuguese language of Brazil, taken from public pages of the social network *Facebook*, in which users produce the comment genre. It is hypothesized that perception leads the "subject" of prayer to establish an independent relationship with the preacher. This is observed in grammatical constructions in which there is *no* verbal agreement, something extremely repudiated by the normative grammar of the language. The results demonstrate that the *perspective* reconfigures grammar in its use.

KEYWORDS: Verbal agreement. Liminar Grammar. Written Language.

Palavras iniciais

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - Faculdade de Letras – UFG, Goiânia/GO, Brasil. E-mail: lucas.alves.77@gmail.com.

É grande a extensão de trabalhos que tratam o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro, isso devido às frequentes disparidades de ocorrências na língua, tanto na fala quanto na escrita. Esses trabalhos filiam-se a perspectivas diversas que dependem da concepção de língua e linguagem assumida. Assume-se, aqui, que língua é um instrumento de interação sociocultural, âmbito de processamento de informações e exibição de percepções e conceptualização de mundo (FERRARI, 2014). Essa concepção é compartilhada pelo paradigma da Linguística Cognitiva.

Mattoso Câmara (1970) define o fenômeno da concordância verbal como um princípio vigente em muitas línguas, segundo o qual num sintagma, *o vocábulo determinante se adapta a certas categorias gramaticais do determinado*. No português, há concordância nominal e verbal. A concordância verbal, de forma geral, é definida, por muitos linguistas, como uma *relação gramatical harmônica* que se estabelece entre os verbos da oração e o sujeito da mesma (CASTILHO, 2014). Assim, acomoda-se o verbo, tanto no que diz respeito ao *número* (singular ou plural) quanto à *pessoa* (1^a, 2^a e 3^a), conforme o sujeito.

A definição exposta acima poderia ser mais uma constatação científica na linguística, se, na vastidão de dados empíricos, tal concordância fosse um construto constante. Isso justifica o grande número de trabalhos com o tema na Sociolinguística, por exemplo, que assumem a concepção de variação na língua como exibição de extratos sociais. Um trabalho precursor no Brasil é de Naro e Lemle (1977) que fazem considerações importantes como “quanto menos saliente for à diferença entre singular e plural, mais provável será a falta de concordância” (p. 446).

Muitos autores, guiados por dados empíricos, alertam para a tendência progressiva no português coloquial do Brasil à perda das flexões número-pessoa nos verbos. Assim, essa tendência está prefigurada no sistema da língua, acentuada na realidade linguística brasileira, ou seja, a simplificação da morfologia verbal seria o reflexo da deriva secular indo-europeia (NARO & LEMLE (1976)).

Percebe-se que a definição de concordância verbal ganha outro patamar quando se considera a produção dos falantes da língua em comunidade de fala específica. Também se considera uma distinção entre a variação popular e a variação padrão-culta na ocorrência desse fenômeno linguístico. A Gramática Normativa de autores como

Rocha Lima ([1972] 2010) e Almeida ([1952] 2010) prescreve que a não aplicação de concordância verbal é evidência de baixa escolaridade, por isso deve ser “purgado” do uso da língua cotidianamente.

Outro trabalho considerado importante com essa temática é o de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), que demonstra que no português rural em comunidades afro-brasileiras baianas, a concordância verbal com a terceira pessoa do plural é muito mais aplicada entre os falantes mais jovens do que entre os idosos, respectivamente de 62 e 36 anos. Almeida (2006) investigou a concordância verbal das três pessoas do plural na comunidade de remanescente de escravos São Miguel dos Pretos (Restinga Seca/RS) e constatou que os falantes da comunidade quilombola estão adquirindo a concordância verbal, principalmente quando as formas verbais estão mais salientes e o sujeito, anteposto ao verbo, indicando um processo de mudança gramatical.

Depreende-se desses estudos variacionistas a busca pela identidade sociolinguística brasileira. Com isso, o uso variável da concordância verbal é diretamente associado às análises sobre a importância da natureza pluriétnica na formação do PB. Assim, há uma conjuntura de competição entre a gramática fluida da vivência cotidiana e a prescrição normativa da gramática escolar.

Partilhando dessa temática, a pretensão deste trabalho é discutir o fenômeno da concordância verbal no PB, especificamente a *não* realização dele. A hipótese é a de que esse mecanismo gramatical de harmonização, pessoa e número, entre o sujeito e o verbo na oração, seja afetado pelo componente perceptivo do usuário da língua. Segundo a Gramática Liminar, as leis *Gestalt* da percepção humana (proximidade, semelhança, continuidade, pregnância, experiência passada e clausura) atuam na produção linguística. Com isso, a função ‘Sujeito’ é mais focal, importante e iluminada que o Verbo, favorecendo a dispensa da harmonia entre sujeito e verbo.

Primeiro, acionamos algumas pesquisas com foco na concordância verbal no PB. Em seguida, fazemos uma apresentação geral dos pressupostos da Gramática Liminar, proposta por García (1989, 1996 e 2005), no que se referem ao modelo da cena enunciativa, funções e categorias na cena oracional. Depois, descrevemos as ilustrações depreendidas de dados de língua escrita de páginas públicas da rede social *Facebook* em

que **não** se realiza a concordância verbal. Essas discussões encaminham para as considerações finais.

No total, foram 154 ocorrências registradas, dentre as quais verificamos que em 113 não há realização de concordância verbal. Nesses dados escritos, o participante expõe sua opinião sobre assuntos diversos. No gênero comentário o grau de comprometimento com o dito é maior e também exige estratégias de convencimento dos interlocutores. Essas estratégias discursivas são associadas ao controle maior da escrita. De forma amostral, verifica-se que nas ocorrências em que não há concordância verbal, o “sujeito” vem como tópico da oração e pluralizado, sendo a *figura* mais perceptível, e isso pode provocar a dispensa da marcação morfossintática no verbo. Assim, salientamos que a perspectiva reconfigura a gramática em uso nesses casos.

A concordância verbal no português brasileiro

É unânime a definição de concordância verbal encontrada em muitas gramáticas espalhadas Brasil afora. Cunha e Cintra (2013) dizem que concordância verbal é a solidariedade entre o verbo e o sujeito, ou seja, a variabilidade do verbo para se conformar ao número e pessoa do sujeito. Para eles, a função básica da concordância é evitar a repetição do sujeito, que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajuntada. Para os autores, esse conceito implica um conjunto de regras a serem seguidas dependendo da situação de contato entre sujeito e verbo.

Já para Castilho ([2010] 2014), a concordância verbal tem uma definição mais ampla que envolve, principalmente, o aspecto morfológico. A concordância é a conformidade morfológica entre uma classe (nesse caso, o verbo) e seu escopo (nesse caso, o sujeito). Essa conformidade implica na redundância de forma, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito haverá marcação de plural no verbo.

Essa noção, para Castilho (2014), apresenta similaridade com a de Cunha (2013). As duas definições demonstram uma zona de intersecção entre aspectos morfossintáticos e noções semânticas, afinal a categoria plural e singular (número) é uma exibição semântica na língua. Vejamos nesse exemplo na língua escrita:

(1) *As portas da cidade caíram ante o ímpeto das tropas invasoras.*

Percebe-se que na sentença (1) as marcas de plural vêm fixadas ao Sujeito da oração e também na flexão do verbo (predicador). Essa conformidade entre a pluralidade das entidades incorporadas por um Substantivo (porta) com a flexão do verbo (-ram) em 3º pessoal do plural é o fenômeno da concordância verbal. A “conformidade” ou “solidariedade” exibida nessa construção gramatical é alvo de uma gama de variações no uso tanto na língua falada como na escrita, como veremos a seguir.

Castilho ([2010] 2014) diz que, por via de regras, o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito, porém não concorda com os argumentos internos nem com os adjuntos. Essa configuração morfossintática gera uma assimetria, pois o verbo concorda com o sujeito, expresso no caso reto, mas não realiza o mesmo quando o sujeito é expresso no caso oblíquo. Usando os exemplos de Castilho (2014, p. 412):

(2) *Deus deu o mundo aos animais, o homem lhes deu a jaula.*

(3) *Os filhos sai de manha só chega de noite.*

(4) *Nossa, ficou demais as fotos!*

(5) *Morador do bairro há muitos anos compravam cestas de alimentos para os flagelados.*

Nota-se que, de fato, a conformidade entre sujeito e verbo é assimétrica e variável. Sendo assim, a aplicação de regras depende de um conjunto de fatos de ordem morfológica, sintática e sociocultural dos falantes. Por exemplo, quando o sujeito traz a ideia de coletivo, o verbo a ficar no singular. Essa “regra” segue um fator mais semântico que sintático. O mesmo fator ocorre se o coletivo vier especificado. Nisso o verbo pode ficar no singular ou ir para o plural. A aceitabilidade da norma gramatical prescreve que nesses casos é opcional a aplicação de concordância sujeito e verbo.

(6) *A multidão gritou pelo rádio.*

(7) *A multidão de fãs gritou./ A multidão de fãs gritaram.*

Para Mattoso Câmara (1970), o verbo no português brasileiro apresenta uma vasta gama de marcação de pessoa. Isso condiciona o verbo a simplificar sua morfologia no uso. Com isso, como afirma Lemle e Naro (1977), favorece a não aplicação de concordância sujeito-verbo, principalmente na modalidade falada. O sistema linguístico, de certa forma, prevê a aplicação da concordância verbal em todos os casos, porém o uso pressiona essa regra gramatical.

Castilho ([2010] 2014, p. 413) apresenta outro ponto relevante sobre os fatores de concordância verbal no português brasileiro, “a posição do sujeito na sentença”. Para o autor, sujeito anteposto favorece a concordância, já sujeito posposto desfavorece, assim como a proximidade ou distância entre o verbo e o sujeito. Dessa forma, quando o verbo se localiza adjacente ao sujeito há mais probabilidade de ocorrer a concordância do verbo distanciado. Exemplos do autor ([2010] 2014, p. 413):

(8) *As **contas** **pesaram** muito na minha decisão de fazer mais economia.*

(9) *As **contas** deste ano, sobretudo depois que eu tive um pequeno aumento salarial, **pesou** na minha decisão de fazer mais economia.*

(10) *As **roupas** que você encomendou já **chegaram**, depois de muita espera.*

(11) ***Chegou**, depois de muita espera, **as roupas** que você encomendou.*

Observa-se no exemplo (8) a proximidade do sujeito com o verbo aplicando a concordância, já no exemplo (9) o distanciamento desfavoreceu a aplicação da concordância. Isso demonstra a forte intersecção morfossintática que há exibida nesse fenômeno gramatical.

Feitas essas colocações, por venturas muito gerais, aciona-se a Gramática Liminar para demonstrar que concordância verbal não é somente um arranjo morfossintático, mas envolve um *esquema gestáltico* perceptivo com implicações linguísticas bastantes salutares. Os dispositivos descritivos acionados instigam a questão da *não* aplicação da concordância verbal como um fato linguístico abrigado na percepção do falante. Portanto, os vários trabalhos que demonstraram que as variações estão ligadas ao nível sociocultural do falante são fortemente abarcados no sistema linguístico em uso.

Gramática Liminar: apresentação geral

A Gramática Liminar (doravante GL) se constitui nos trabalhos do espanhol Ángel López García. No Brasil, esse modelo de gramática é pouco conhecido e, conseqüentemente, não muito praticado nas descrições e análises linguísticas. Nesse modelo teórico, a linguagem resulta das relações entre percepção-conceptualização e consciência linguística, pois os conhecimentos linguísticos são integrados com as capacidades cognitivas como: atenção, raciocínio, percepção, memória. Há total destaque para a percepção humana e suas implicações na produção linguística.

Os trabalhos de García são bastante utilizados para sustentar uma visão e trato dos fenômenos linguísticos de forma interdisciplinar com as ciências cognitivas e neurociência. O pano de fundo é a emergência de uma concepção de língua e linguagem mais atrelada aos aspectos biocognitivos que destacam a necessidade de uma abordagem mais holística do fenômeno humano.

Na Europa, esse modelo de gramática tem sido praticado para descrever e analisar diversas línguas, principalmente o Espanhol e o Catalão. A GL ganha outras denominações como Linguística Topológica ou Linguística Perceptiva. Seu quadro epistemológico problematiza o fato das premissas científicas não abarcarem os objetos de estudo por completo, gerando o que García chama de “*paradoxo da fronteira*”, ou seja, até que ponto as abordagens teórico-terminológicas passam a fazer parte do objeto de estudo. Assim, há o alerta para o fato de que as “disputas” teóricas na Linguística Moderna são, na verdade, disputas terminológicas, pois entre a metalinguagem e a linguagem há uma fronteira.

Destaca-se a importância dessa concepção para o trato dos fenômenos linguísticos, pois consideramos que o fazer científico pós-positivista, muitas vezes, torna o objeto de estudo extremamente deslocado da realidade, como se existisse somente nos tubos *in vitro* da observação do pesquisador. No entanto, a GL assume a linguagem como o espaço criador da realidade, assim o pesquisador não pode se esquivar dessa característica basilar.

Toda expressão, seja uma palavra, frase ou oração é uma imagem da realidade, uma espécie de quadro ou fotografia da mesma. Essa é a ideia central que perpassa toda a proposta da GL. Uma ideia aparentemente simples e de fácil adesão, mas as consequências teóricas são fortes, visto as implicações na gramática que dela decorrem. Para García (1996):

O que diferencia uma fotografia de uma mesma pessoa ou paisagem são as condições de iluminação, distancia, enquadre e etc, com que foram tomadas. Similarmente, a diferença entre expressões que remetem a mesma situação do mundo (*O agressor foi detido pela polícia; A detenção do agressor pela polícia; A polícia deteve o agressor; O agressor, ele deteve a polícia, etc*) estariam em certos mecanismos linguísticos de captação da realidade predominando sobre outros, assim todos eles estão presentes em cada caso (p. 30, grifo do autor, tradução nossa).

Assim, não há um ponto de vista certo ou errado sobre o mundo, ou uma abordagem adequada ou inadequada para os fenômenos linguísticos, visto que cada paradigma atenderá a uma perspectiva do objeto de estudo. A GL não é uma proposta multiperspectival, porém leva em consideração o ponto de vista dos distintos paradigmas linguísticos procurando conciliá-los.

Outro ponto fundamental, que caracteriza a GL frente outras abordagens na Linguística, é a ligação forte com a Linguística Cognitiva. Com isso, os componentes gramaticais como Fonologia, Morfologia e Sintaxe são integrados por uma perspectiva cognitiva que perpassa esses níveis. Portanto, a GL se constitui como uma Linguística Perceptiva, uma teoria da linguagem baseada na *Gestaltpsychologie*.

A Psicologia da Gestalt considera que a percepção é muito além de uma mera associação de estímulos, pois existe uma subordinação das partes ao todo, ou seja, uma série de formas das quais o todo é superior às partes e não redutível. Assim, a GL traz para o ponto de partida da descrição linguística os mesmos elementos que compõem uma imagem percebida.

*Os componentes **FIGURA fundo** são definidos a partir do grau de importância dado no ato de composição de imagem, sendo a FIGURA o ponto mais destacado, iluminado, e o fundo todo os demais. Por conseguinte, na GL toda produção linguística pode ser analisada a partir da oposição entre esses dois elementos da gestalt. Assim, “a figura é única e obrigatória, os fundos são potencialmente plurais, porém opcionais. Essa*

dualidade pode ser constatada em qualquer nível da unidade linguística” (GARCÍA, 1996, p. 20, tradução nossa).

Para finalizar essa apresentação geral dos pressupostos da Gramática Liminar, resume-se abaixo como é delineado o fundamento **FIGURA fundo** nos níveis linguísticos:

Quadro 01 - Níveis linguísticos na plataforma FIGURA fundo.

Fonologia	FIGURA	fundo
Sílaba: Vogal + Consoante	Sílaba Acentuada (obrigatório)	Sílabas não acentuadas
Morfologia		
Palavra	Radical (obrigatório)	Afixos (soltos)
Sintaxe		
Frase	Núcleo	Modificadores (Objetos)

Fonte: Formulado a partir de García (1996).

Esse Quadro 1 é um esboço simples para representar onde se encaixa cada objeto de estudo das disciplinas linguísticas dentro do arcabouço **FIGURA fundo**, proposto pela GL. García elabora uma exaustiva explicação em seus trabalhos ilustrados com exemplos ora com descrições fotográficas ou de obras de arte ora com exemplos linguísticos.

Em seguida, mobilizam-se conceitos teóricos dentro da GL que serão utilizados na abordagem sobre o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro. Noções básicas como *esquema gestáltico* da cena enunciativa, *função* e *categorias* gramaticais, especificamente a função sujeito e predicado.

Gramática Liminar: cena enunciativa e o *design* das funções gramaticais

Nesta parte, explana-se a proposta descritiva da Gramática Liminar em seus termos e conceitos fundamentais que servirão de fundamentação para visualizarmos o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro. A ação descritiva da GL é de índole cognitiva, como já alertado, orientada pela Teoria da *Gestalt*. Retoma-se a ideia central de que toda sequência, em seu turno, um enunciado, uma frase ou oração é um resultado da percepção (cognição), logo há um elemento, **FIGURA**, que cobra mais

importância e sobressai frente aos demais elementos da cena enunciativa, esses outros elementos constituem o **fundo**. Por conseguinte, as sequências linguísticas podem ser simples ou complexas, pois podem apresentar dentro do **fundo** outros esquemas gestálticos.

Em García (1996, p. 115) há a apresentação do que venha ser um esquema gestáltico. O ponto de partida é a constatação que todo esquema gestáltico está articulado sobre a oposição FIGURA / fundo. Assim, esses elementos apresentam traços que os constituem como fonte primária de composição de uma cena:

FIGURA	fundo
Primeiro Plano	Segundo Plano
+ Iluminado	- Iluminado
+ Principal	+ Secundário
Tema	Rema

A **FIGURA** é única e o *fundo* pode ser plural e opcional na composição perceptível. O esquema gestáltico é a base que dá forma à projeção visual, linguística e do mundo, mediante o qual conceptualizamos a realidade. Assim, para a GL o conhecimento linguístico e as capacidades cognitivas são hibridizados, ou seja, não há uma separação dicotômica entre os domínios cognitivos e os conhecimentos linguísticos. Segundo Ferrari (2014), a Linguística Cognitiva adota uma perspectiva não modular, pois há atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas. Outro ponto apresentado por Ferrari (2014) é o alinhamento da linguística cognitiva que considera a investigação da mente humana não separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal, sendo a percepção a fonte primária das experiências humanas.

García (1996) apresenta o Esquema Gestáltico como segue:

FIGURA <> (fundo)	{ FIGURA >< (fundo)}
CENA	MARCO

Adaptado de García 1996, p. 116.

Nesse esquema, fica evidente a posição dos elementos que compõem a cena. Do lado esquerdo, o modelo para cenas mais simples; do lado direito, relacionado de imediato com o lado esquerdo, a extensão de uma cena mais complexa. O autor chama a atenção para um elemento que faz parte do esquema: a **fronteira**, representada acima pelo símbolo <>, que separa a figura do fundo no interior da cena, e pelo símbolo >< no marco. Para o autor, a **fronteira**, no Esquema Gestáltico, é justamente a carência substancial de uma entidade, por isso mantém a ambiguidade na sua essência. Um exemplo para explicar melhor o papel da fronteira no esquema gestáltico é um desenho do círculo concêntrico.

García (1996) explica que o problema de definir uma **fronteira** no esquema gestáltico é similar à dificuldade de definir a qual círculo pertence o círculo menor. E alerta que essa definição depende do ponto de vista adotado. Outro exemplo para explicar o problema da **fronteira** no esquema gestáltico é a situação: “se alcançarmos a fronteira entre Espanha e França, não estaremos de fato nem em um país, nem em outro, ao invés disso, nos dois ao mesmo tempo” (GARCÍA, 1996, p. 116, tradução nossa). Com isso, o elemento **fronteira** se caracteriza pela ambiguidade na definição, afinal depende do ponto de vista de quem o percebe.

Esses são os elementos do esquema gestáltico que dão base para a percepção. A partir disso, García (1996) diz que os conceitos *função e categoria* são fundamentais para a realização do intercâmbio entre o esquema gestáltico e a cena enunciativa. Para o autor, há uma diferença entre função e categoria e alerta para o fato que os paradigmas linguísticos adotaram perspectivas diferentes e que esses pontos de vista encaminharam para concepções diferentes também desses conceitos. O Estruturalismo parte das funções para definir categoria, já o Gerativismo parte das categorias para dar conta das funções.

Isso implica movimentos descritivos específicos e definições diversas para fenômenos semelhantes. Para o autor, dizer que o *substantivo* é a parte da oração que pode fazer o papel de sujeito é considerar as funções como primitivas na teoria gramatical (Estruturalismo), enquanto afirmar que o sujeito é o sintagma nominal denominado diretamente para o nó da oração é basear-se nas categorias como elementos primitivos da teórica gramatical (Gerativismo). Segundo o autor, cada enfoque tem sua vantagem e desvantagem na descrição da língua, afinal, considera alternativas igualmente válidas.

Dentro do Esquema Gestáltico estabelecido, as *funções* são papéis gestálticos dentro da cena ou do marco (**FIGURA, fronteira, fundo, FIGURA, fronteira, fundo**). Já as categorias são classes de palavras cujas características sintáticas e semânticas se fazem especialmente indicadas para desempenharem alguns desses papéis, porém nunca de forma exclusiva. Assim, não há uma correspondência biunívoca entre função e categoria. As categorias são variáveis, visto que um *substantivo* pode fazer o papel de adjetivo. Já as funções são constantes, visto que numa oração um “sujeito” dificilmente fará papel de “objeto direto”. Para García (1996, p. 118, tradução nossa), “a sensação que as funções são mais constantes que as categorias se deve ao fato daquelas não estarem associadas as palavras. Na realidade, as diferenças entre categorias e funções são perceptivas.”

Assim, uma gramática que considera as categorias como principais, as funções serão secundárias; já a que parte das funções, tomará as categorias como secundárias. Não havendo uma oposição melhor ou pior, todos dependem da necessidade descritiva.

A Gramática Liminar, então, rearranja a noção de *função e categoria* e a dispõe dentro do esquema gestáltico, sendo esse quadro perceptivo a base para todas as orações:

Esquema Gestáltico da cena enunciativa

CENA			MARCO		
FIGURA	<>	(fundo)	{FIGURA	><	(figura)}
Sujeito	predicador	Obj. Direto ou indireto	Obj. Oblíquo	predicativo	
Obj. Circ.					
Substantivo >Verbo > Adjetivo					
preposicional>verboide>Advérbio					

Adaptado de García (1996, p. 114).

Nessa configuração do esquema gestáltico da cena enunciativa, nota-se que a disposição dos termos possibilita alcançar todos os componentes de constituição de

enunciado. Cada elemento ganha características que o torna abrigado no esquema perceptivo, mobilizando aspectos semânticos, sintáticos e, principalmente, pragmáticos de forma integrados.

García (1996) discute a concepção de Sujeito abrigado no esquema gestáltico. Para o autor, como se percebe no Quadro 2, Sujeito é a função que corresponde à FIGURA primária da cena, assim, é o elemento que verdadeiramente interessa ser transmitido. Dessa forma, apresenta traços de primeiro plano, + iluminado, + importante e, pragmaticamente, o tema. O autor afirma que:

Nesse sentido, podemos dizer que toda oração é uma foto do sujeito (pessoa ou coisa no qual se diz algo, como afirma a gramática tradicional). [...] Mesmo assim na legenda das fotos se rotula sempre a pessoa ou coisa fotografada, igualmente se faz com o sujeito gramatical (GARCÍA, 1996, p. 120, tradução nossa).

Por conseguinte, o autor alerta que nem todas as “fotos” são iguais. Nas fotografias, a figura é o elemento que coincide com a posição central, ou seja, mais iluminado, mais intenso e em primeiro plano. Se algumas dessas características faltarem, a foto continuará sendo uma foto, porém será mais difícil identificar sua composição principal. Da mesma maneira, segundo o autor, acontece na noção de Sujeito, afinal, nem todo sujeito é “bom sujeito”. Na configuração sintática há o bem alinhado e o mal alinhado. Com isso, Sujeitos bem alinhados assumem o papel temático de *Agente*, são *Tema* e concordam com o Verbo. Segundo García (1996), os Sujeitos bem alinhados são reconhecidos com o “sujeito prototípico”.

Todavia, os Sujeitos mal alinhados são os mais recorrentes na linguagem coloquial. As Gramáticas Normativas insistem em propô-los como desvio de regras. Dessa forma, o autor chama atenção para “as fotos gramaticais são, pois, fotos retocadas em estúdio, artificialmente, não sendo perfeitas, nunca instantâneas a vida cotidiana” (GARCÍA, 1996, p. 122, tradução nossa). Consequentemente, as regras prescritivas encontradas nas Gramáticas Normativas são recortes profundos retocadas com propósitos artificiosos.

Interessa notar que a noção de Sujeito assumida por várias pesquisas linguísticas centra-se na noção prototípica, negligenciando outros que não se enquadram no perfil adotado, porém na vivência cotidiana existe um complexo conjunto de ocorrências linguísticas em uso que demonstram o contrário. Assim, no caso do fenômeno da

concordância verbal, muitos autores admitiriam o Sujeito como mal alinhado, pois não está em conformidade com o verbo. Muitas pesquisas elegeram, principalmente, fatores socioculturais dos falantes como causas para a manutenção desse uso.

Para algumas pesquisas de cunho gerativo (RODRIGUES, 2011), o Sujeito não é regido pelo verbo. Dessa forma, o verbo rege os objetos diretos e indiretos, porém não rege o Sujeito. Assim, o Sujeito é um argumento externo da configuração sintática do verbo, assumindo somente o papel semântico na estrutura argumental. Para García (1996), essa consideração toma a frase verbal como entidade puramente sintática. Para o autor, Sujeito e verbo mantêm uma relação, porém são independentes no nível perceptivo. Assim, a relação estabelecida entre Sujeito e verbo é mais frouxa em comparação com o objeto direto e indireto.

García (1996) apresenta um conjunto de fatos que justificam a relação frouxa entre sujeito e verbo. Para o autor, há verbo cujo significado exige a manifestação de objeto (*Merecer, Danar, Suscitar, Desenvolver, constituir, desempenhar, inculcar* etc.) e outros que não (*Comer, dormir, escrever* etc.), porém nenhum verbo exige a manifestação do Sujeito. Segundo o autor, esse fator é pouco visualizado porque a percepção está viciada na consideração de que o sujeito na língua é assinalado por um morfema flexional do verbo. O exemplo para esse fato é (p. 123) “lo merecían, María les daño, lo suscitaba su imprudencia” ou seja, o verbo *lo merecían* é assinalado com o <lo_objeto-merecía_predicador-N_sujeito>. Nesse fator, o ponto de vista morfológico prevalece sobre a conformidade entre sujeito e verbo, mas não se aplica em todos os casos, pois no esquema perceptivo do usuário a FIGURA — Sujeito é mais saliente do que o arranjo gramatical.

García (1996) diz que a determinação da natureza semântica do sujeito exige conhecer previamente o objeto, mas não o inverso. Por exemplo, o verbo “passar” admite um sujeito inanimado, como “já passou o trem” como “passar o curso” em que se exige um sujeito animado. Para o autor, a natureza semântica do sujeito é independente do verbo, afinal o verbo e o objeto contraem uma relação mais estreita. Com isso, verbos intransitivos (*desfrutar, saltar, romper-se*) impõem condições semânticas à natureza de seu sujeito (o rio desfrutou, a bondade salta, João se rompeu). Por essas específicas condições, dizem que os sujeitos são regidos simplesmente pelos morfemas flexionais.

Outro fator trazido pelo autor para demonstrar a independência entre Sujeito e Verbo diz respeito a várias expressões idiomáticas/gírias (no caso em Espanhol) em que a expressão é uma aglutinação entre o verbo e um objeto. Exemplos em português brasileiro: “dá na cara”, “deu o perdido”, “lacrou”, “dá e receberás” etc. Porém, existem expressões idiomáticas e gírias populares que incorporam o sujeito.

Para García (1996), é preciso ser prudente ao admitir que o verbo (predicador) não exige o Sujeito, porém, estabelece uma relação mais estreita. Afinal, a frase verbal é uma unidade operante na sintaxe como um todo, mas, os objetos diretos ou indiretos estão mais estreitamente ligados ao verbo que ao sujeito, o que não impede que o sujeito seja regido pelo verbo. Segundo o autor, essa concepção do comportamento das funções sintáticas é uma implicação da natureza perceptiva da cena oracional.

O Sujeito é **FIGURA**, o predicador (o verbo) é a **fronteira** e os objetos constituem o **fundo**. Em certas imagens, a **fronteira** aparece marcada com nitidez, como por exemplo, nos quadrinhos em que a delimitação da fronteira demarca a FIGURA fundo. Distinto disso, nas fotografias, a **fronteira** se confunde com o **fundo**, justamente onde termina a FIGURA. Em várias fotografias, logo se percebe a FIGURA, mas a **fronteira** com o **fundo** se misturam.

O autor alerta que não se pode perder de vista que, na cena oracional, o sujeito vem garantido no morfema flexional do verbo justamente pelo *sobressalto* da FIGURA. Já a semântica do verbo não condiciona a semântica do Sujeito. Portanto, podemos salientar que a **não** realização da concordância verbal se dá por uma reconfiguração do Sujeito, pois na percepção do usuário da língua, o Sujeito, por si mesmo, abriga a singularidade ou pluralidade e a noção de “pessoa” do discurso, e isso não se expande até o verbo. Assim, a concordância verbal pode ou não ocorrer na cena oracional implicada pelo grau de percepção dada ao Sujeito.

Um ponto interessante apresentado por García (1996) é a discussão sobre a não evidência de que o sujeito seja uma noção universal nas línguas do mundo. Afinal, existem muitas línguas que não estão organizadas sintaticamente com a regulação de Sujeito, porém não abrem mão do Tópico. Todavia, mesmo assim, o esquema gestáltico mantém o mesmo, ou seja, a oposição FIGURA fundo como projeção da percepção da cena. No caso de línguas sem sujeito, outro elemento se abrigará na FIGURA ou fundo.

O fato de o Sujeito poder corresponder ao elemento FIGURA da cena gestáltica mantém os traços + iluminado, + principal, +destacado, +tópico, distancia do verbo, predicado. Assim, o falante coloca total carga de importância naquele elemento e todo o restante se ancora nele. Em seguida, visualiza-se, por essa teoria, o fenômeno da concordância verbal em textos escritos, baseando na hipótese que esse “distanciamento” entre sujeito e verbo implica na não realização da concordância verbal.

Gramática Liminar: análise da concordância verbal em dados escritos

Metodologicamente, os dados aqui utilizados foram retirados de páginas públicas da rede social *Facebook* (10 páginas). No período de vinte dias, as páginas selecionadas foram visitadas diariamente. Nesse período, foram publicados 85 *posts*, no total, nessas 10 páginas. Depreendemos os comentários dos seguidores desses *posts* que apresentam temas diversificados como política, entretenimento e humor. Nesses espaços virtuais, os participantes interagem por meio de comentário a partir de provocações levantadas pelo *post* elaborado pelo(s) administrador(es) da página. Ressalta-se que, atualmente, é crescente o número de pessoas acessando a *internet*, tornando esse espaço virtual extremamente heterogêneo quanto ao perfil dos usuários e nos quesitos escolaridade, faixa etária e região.

Vários autores citados anteriormente consideram a concordância verbal como sendo uma zona de intersecção morfológica e sintática. Assim, as propriedades semânticas como pessoa e número do Sujeito entram em conformidade com a marcação morfológica do verbo. Já na Gramática Liminar, essas funções sintáticas são abrigadas dentro do Esquema Gestáltico da cena enunciativa e, com isso, recebem características peculiares.

Sendo a sequência linguística um resultado da percepção, há em seu cerne um elemento que é mais destacado e importante, a FIGURA, frente a todos os outros elementos da mesma sequência linguística, o **fundo**. Isso implica, também, o envolvimento de propriedades formais, sintáticas e semânticas, como fatores indispensáveis em toda sequência linguística. Elas são abrigadas no *design* do Esquema

Gestáltico que exhibe a oposição FIGURA fundo. Retoma-se o Quadro 2, adaptado de García (1996, p. 119):

CENA		MARCO
FIGURA	<>	(fundo)
Sujeito	predicador	Obj. Direito ou indireto Circ.
Substantivo >Verbo > Adjetivo preposicional>verboide>Advérbio		

A concordância verbal, como foi definida acima, pode ser analisada no contraste entre elementos da cena **FIGURA** ---- Sujeito e <> fronteira ---- predicador. Nesse enlace, a Gramática Liminar dispõe essas funções sintáticas abrigadas na função perceptiva de FIGURA fundo. Abaixo, uma ilustração do fenômeno da concordância verbal dos dados dentro do esquema perceptivo:

(1) "A ***Ideologia*** deles não ***prestam***" se você não estivesse certo no que diz, eu não perdoaria esse erro, mas dessa vez... (Homem, página sobre política).

FIGURA	<>	(fundo)
Sujeito	predicador	Obj. D. ou Ind
<i>Ideologia deles</i> >> <i>prestam</i> > #		

Nota-se em (1) que o usuário da língua não aplicou a concordância verbal, ou seja, a marcação de singular no Sujeito não está em conformidade com a marcação no verbo. Observa-se que o pronome “deles”, que está no plural, foi tomando como Sujeito que conduziu a marcação no verbo. Nessa situação, a concordância foi guiada pelo critério da

proximidade do suposto Sujeito com o verbo da oração. Considerando os elementos perceptivos em jogo nessa situação, temos uma *Figura fronteira e fundo*. A FIGURA é central, mais iluminada e, nesse caso, recai na expressão “deles”, ou seja, tem maior grau de importância no enunciado. Percebe-se que esse comentário tece críticas aos filiados a uma ideologia e é para “eles” que elas se direcionam. Isso redimensiona a marcação da concordância verbal nesse caso.

(2) *Reproduzam, mas..... não joga as crianças na rua ou no orfanado, os gays ainda é obrigado a criar as suas crianças. (homem, página sobre temas sociais)*

Nota-se em (2) uma verdadeira discordância entre o Sujeito (marcado no verbo -m) e o verbo em seguida, afinal é uma oração complexa coordenada que compartilha do mesmo Agente (Eles). Só a marcação morfológica não conseguiu aplicar a conformidade entre sujeito e verbo. Retomando o esquema gestáltico, a predicação base, no caso “reproduzam” é a **fronteira** na sequência linguística, e uma de suas características é justamente a ausência substancial frente à **FIGURA** e o **fundo**.

(3) *Conheço uma pessoa q vive andando com a bíblia no braço, mas não sabe tratar a família c carinho e é super grosso. Ele acha q é cristão, pq conhece a bíblia de Gênesis a Apocalipse, mas suas atitudes mostra o contrário. Quem sente o não cristianismo dele, é os familiares e quem precisa conviver com a grosseria dele. (mulher, página tema política)*

No exemplo (3), o esquema Gestáltico se faz a partir de uma visão introspectiva, ou seja, sustenta-se na abstração/concepção de algo (conheço). A partir disso, o usuário da língua tece uma descrição concreta. A parte destacada exhibe a seguinte cena oracional:

FIGURA	◊	fundo
Sujeito	predicador	Compl.
<i>suas atitudes</i>	<i>mostra</i>	<i>o contrário</i>

Não há nessa sequência linguística uma conformidade entre o Sujeito e Verbo, pois na **FIGURA**, há uma relevante marcação de pluralidade (suas) (-s) que não se expande até a **fronteira** (verbo). Assim, ressalta a **FIGURA** como mais importante que a própria ação corporificada no predicador. Já o **fundo** alinha-se ao verbo pela sua natureza semântica, transitiva. Com referência, à composição todo parte, podemos supor que o usuário dessa sequência linguística aplicou a conformidade do verbo “mostrar” como **FIGURA** principal de toda produção: “Ele”.

García (1996) insiste em alertar para o fato de que natureza perceptiva tão particular da **FIGURA** em relação à **fronteira** explica a precisão e, ao mesmo tempo, a necessidade do sujeito nas orações. Cabe ressaltar que, segundo Pezatti (1993), o português brasileiro é uma língua que prefere a ordem SVO (Sujeito-verbo-objeto), mas ao mesmo tempo, existem construções que expõem o Sujeito. Essa relação entre Sujeito e verbo é extremamente produtiva nas línguas, porém não é uma relação de necessidade. Abaixo, outros dados na mesma linha:

(4) *Pena que alguns acéfalos não consegue compreender algo tão simples e acha que ficar criticando, xingando e escrevendo "feminazi" vai adiantar de alguma coisa. Queridos(as), se não for para ajudar e para lutar por um mundo mais justo não atrapalhe, please! (mulher, página com tema político)*

(5) *Faróis ligados durante o dia só serve pra arrecadar dinheiro, a não ser em dias de chuva aí sim é necessário (homem, página de notícias)*

Em (4) e (5), não há conformidade entre o sujeito e o verbo na pluralidade do Sujeito. Em (4), a **FIGURA** “alguns acéfalos”, sujeito, é um conceito abstrato, onde há a extrema marcação de pluralidade com o pronome “alguns” e o morfema “-s” em “acéfalos” que não foi estendido para o verbo, predicador, na forma de morfema flexional. É como se o *holofote perceptivo* estivesse apontado somente para a carga pejorativa da cena oracional. Algo parecido ocorre na mesma sequência linguística que a **FIGURA**, sujeito, “Queridos (as)” em primeiro plano tivesse carga visual maior não se estendendo as **fronteiras**, predicadores, verbos “ajudar”, “lutar” e “atrapalhar” que para estarem em conformidade teriam que receber o morfema flexional “-rem”.

Já em (5), há um típico sujeito bem alinhado, porém não concorda com o verbo. A **FIGURA**, sujeito, “Faróis ligados” é percebida como produtor da sequência linguística

com um único elemento a ponto de marcar a pluralidade no verbo na forma nominal, porém não conduz à mesma aplicação para a **fronteira**, predicador, verbo “serve”, mais próximo. Assim, a relação entre sujeito e verbo existe, mas não é necessária no plano da percepção linguística do usuário da língua nesses casos.

Ilustra-se, a seguir, um exemplo em que ocorre o inverso, o sujeito aparece no singular e o verbo pluralizado, mesmo assim, é tido como uma não aplicação da concordância verbal:

(6) ***Sou caminhoneiro** e não **temos** condições mais de **manter** as manutenção caras do caminhão além de pedágio e combustível caro e frete barato gostaria de pedir a vossa excelência para entrar com um projeto para reverter essa situação. (homem, página de um político)*

No Esquema Gestáltico que projeta a cena oracional, o exemplo (6) é abrigado como segue:

FIGURA	\diamond	fundo	{Marco}
Sujeito		Predicador	Obj.
Sou caminhoneiro		(não) temos	condições [...]

Nesse exemplo (6), a pluralização é marcada na **fronteira**, predicador, verbo “temos”, sendo que a **FIGURA**, sujeito, “sou caminhoneiro” está no singular. A concordância verbal não foi aplicada. O que se observa nessa sequência linguística é o que García (1996) chamou atenção: o fato da **fronteira**, predicador, verbo manter uma relação mais estreita com o fundo, objeto. Nota-se que o verbo concorda com o objeto em sua pluralização, ou o contrário. A natureza perceptiva do produtor do enunciado tem a **FIGURA**, sujeito, “sou caminhoneiro”, como tão focalizada, iluminada que não estendeu a marcação de singular para a **fronteira**, predicador, verbo, gerando o efeito na **FIGURA** pluralizada.

Contudo, com essa amostragem, percebemos que a concordância verbal, ou melhor, a **não** aplicação dessa variável, é implicada pela percepção do usuário da língua, exibida na cena oracional. Assim, talvez a relação frouxa entre sujeito e verbo, torna essa não conformidade produtiva na língua, como se os atributos da **FIGURA**, sujeito, singularizado ou pluralizado, tivessem uma extensão semântica independente que pode

ou não estender a **fronteira**, predicador, verbo. É necessário um diálogo maior com outras perspectivas linguísticas e um número de dados mais amplos para testar com mais profundidade essa hipótese.

Palavras finais

Esse trabalho problematizou o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro e apresentou os pressupostos teóricos da Gramática Liminar. Precisaria de um espaço e fôlego maiores para abordarmos, com mais detalhes, os conceitos e discussões dessa teoria linguística. No geral, fizemos um levantamento de conceitos e termos importantes e alguns pontos na fundamentação epistemológica de forma introdutória. Os avanços das pesquisas em Linguística Cognitiva no Brasil são grandes nos últimos tempos. Diante disso, a Gramática Cognitiva Liminar apresenta-se como uma contribuição pertinente, sobretudo na redefinição da perspectiva do pesquisador para lidar com dados da língua em uso.

Abarcou-se a definição clássica de concordância verbal extremamente compartilhada nas gramáticas de língua portuguesa e repetida nas aulas de português. Problematizou-se essa definição com o suporte Sociolinguístico que vem investigando esse fenômeno com um deslumbre da Variação linguística em seus extratos socioculturais e dialogou-se com a proposta de Castilho ([2010] 2014) sobre a natureza do fenômeno e suas exibições na língua portuguesa brasileira.

Na Gramática Liminar se explorou as noções de Sujeito e Verbo a partir da elaboração do Esquema Gestáltico como projeção da cena oracional. García (1996), diz que a oposição **FIGURA fundo** é o propulsor de qualquer percepção humana, sendo a sequência linguística uma fotografia altamente elaborada e complexa. Dentro desse esquema perceptivo básico, abriga-se o *Sujeito*, figura, e o *Verbo*, fronteira, que segundo o autor, mantém uma relação de proximidade, mas, ao mesmo tempo, independência.

Nesses trilhos, analisamos as sequências linguísticas retiradas de páginas da rede social *Facebook* em que os participantes, por meio do gênero discursivo Comentário, expõem opinião sobre temas diversos.

Pode-se observar, nessa amostra, que o fato da relação entre sujeito e verbo existir, a independência perceptiva entre os elementos que compõem a cena oracional potencializam a não conformidade da concordância verbal. Com isso, propõem-se discutir que o fenômeno da concordância verbal é algo muito além de padrões socioculturais dos usuários da língua, mas que também se relaciona com a cognição – percepção – que, por sua vez, é exibida na sequência linguística.

A percepção humana é muito mais específica e inalienável que as noções prototípicas que perpassam nossas elaborações “normativas” sociais e linguísticas. Talvez o “*nós concorda*”, presente em vários comentários nas páginas das redes sociais, tenha muito para nos mostrar além de um corriqueiro desconforto à nossa purista forma de ver e fazer linguagem.

Referências

ALMEIDA, A. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. Ed. Saraiva, São Paulo: 2010.

ALMEIDA, C.; CÂNDIDO, E.; RIBEIRO, A. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 20 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/gomilgrau2/?fref=nf>>. Acessado em 21/07/16 às 16h52.

AZEVEDO, B.; RAMOS, L. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 19 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VamosContextualizar/>>. Acessado em 11/05/17.

BARESSE, M.; LEITE, J.; SEZANO, E. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 22 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasfazermicanga/>>. Acessado em 22/07/16.

BORGES, L.; BARBOSA, D. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 15 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sensacionalista/?fref=nf>>. Acessado em 22/07/16.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Ed. Contexto, São Paulo: 2014.

CUNHA, C. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Ed. Lexikan, 6º Edição. Rio de Janeiro: 2013.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. Contexto: São Paulo, 2014.

GARCÍA, A. L. *Gramática del español 2. La oración simple*. Madrid, Arco Libros, 1996.

_____. *Fundamentos de lingüística perceptiva*. Madrid, Gredos, 1989.

LIMA, C. H. R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Ed. Olímpio, 2010.

LUCCHESI, D. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Linguística, 2000.

MARTINS, J.; XAVIER, J.; LOPES, A. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 20 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Deboas-na-Revolu%C3%A7%C3%A3o-693187137431259/>>. Acessado em 22/07/16.

MELLO, J. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 20 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/?fref=ts>>. Acessado em 21/07/16.

MENDES, R. O.; FERREIRA, J.; PINHEIRO, E.; SOUSA, B. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 21 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/?fref=nf>>. Acessado em 21/07/16.

NARO, A. J; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: ST EEVER, S. B. et al. (Orgs.). *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago, Linguistic Society, 1976, p. 221-241.

Página Pessoal: <<http://www.uv.es/=alopez/curriculum/>>. Acessado em 20/07/16.

PEREIRA, H.; ALVES, P.; SILVA, E. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/euempregadadomestica/?fref=nf>>. Acessado em 22/07/16.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do Português falado. *ALFA* 37: p. 159-178. Revista de Linguística, 1993.

QUIRINO, M; MORAIS, A. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 22 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/correiobrasiliense/?fref=nf>>. Acessado em 22/07/16.

SANTOS, C.; RESENDE, P.; SOARES, J. [Comentário Pessoal]. *Facebook*. 11 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/desconstruindoconceitos/>>. Acessado em 11/04/17.

SILVA, J. A. A. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.